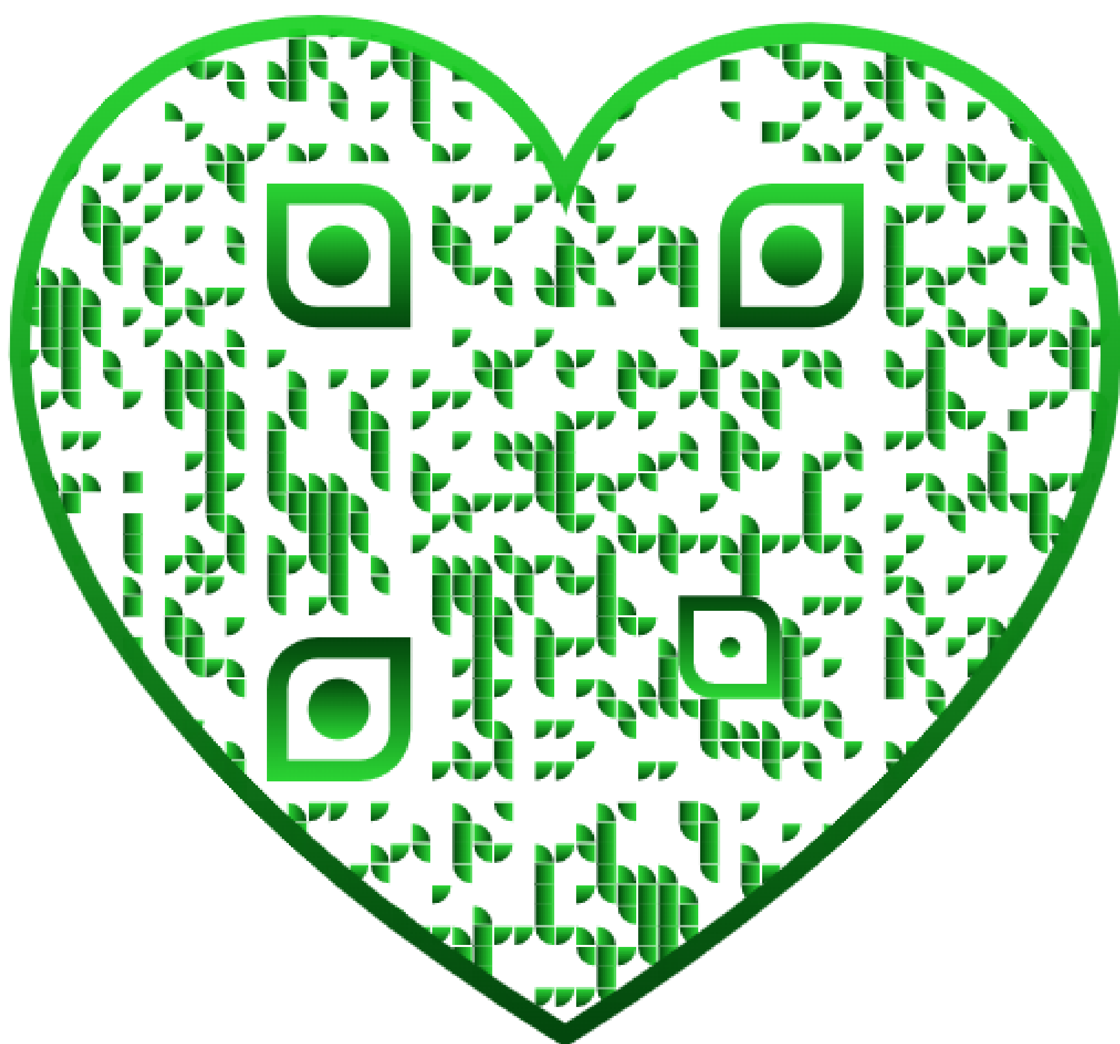
MAYA BRITO

A MELODIA da alma





MAYA BRITO

A MELODIA da alma



Copyright © 2019 Maya Brito

Revisão: Camila Melo
Capa: One Minute Design

Esta é uma obra de ficção. Nomes, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento por escrito da autora.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sumário

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

Para todos aqueles que acreditam no poder da música.

CAPÍTULO 1

“Eu tentei resistir, mas isso machuca demais. Eu tentei perdoar, mas isso não é o suficiente para fazer tudo ficar bem.
Você não pode tocar com cordas quebradas, você não pode sentir nada.”
- Broken strings, James Morrison.

Mais um dia se passou e eu ainda não consegui entregar a apresentação do novo modelo de trabalho da área. Às vezes me sentia uma péssima coordenadora de planejamento estratégico, mas também, com tanta insatisfação entre os membros da equipe, ficava realmente difícil conseguir organizar algo que alavancasse tanto os resultados quanto o ânimo do time.

O céu nublado parecia refletir o meu humor quando entrei no meu carro e dei a partida para fora do escritório rumo a minha casa. Sortuda como sou, não duvidaria nada se começasse a chover e eu ficasse presa no trânsito insuportável da cidade de São Paulo, novamente.

Minha vida nem sempre fora frustrada desta forma… Há muito tempo — doze anos para ser exata —, eu vivia tranquilamente em uma cidade no interior de Minas Gerais e dedicava meus dias à música. Eu podia viver não só de música como também viver a música em si. Ela regia meus passos, meus sentidos e minha história. Mas, como eu disse: isso foi há muito tempo. Tudo mudou no dia daquele maldito evento no centro da cidade, em que coincidentemente chovia. Naquele dia, minha alma fora quebrada como a de meu violino e eu não vi mais sentido em permanecer lá, e hoje trabalho para uma consultoria de gestão empresarial, onde passei os últimos três anos pulando de empresa em empresa que precisava de nossos serviços. Atualmente atendemos uma companhia aérea que precisa urgentemente de uma reestruturação no setor de Marketing.

Perdida em pensamentos, demorei a notar que meu telefone tocava e o identificador de chamadas mostrava que era Marcos. Atendi a ligação pelo volante do carro e habilitei o alto-falante para poder conversar enquanto dirigia pela Avenida 23 de maio.

Marcos era um piloto da companhia, cinco anos mais velho que eu. O

conheci há cerca de seis meses, quando estava iniciando meu trabalho na empresa. Eu estava saindo do setor de Recursos Humanos carregando uma papelada imensa e não vi que ele seguia em minha direção. Esbarrei nele sem querer e com isso derrubei todos os papéis no chão do corredor. Irritada, abaixei-me para pegar os papéis resmungando e só o notei de verdade quando ele se desculpou e abaixou-se para me ajudar. Minha raiva foi substituída pela surpresa em estar diante de um homem tão belo e bem trajado. Vestindo roupas sociais que marcavam levemente seus músculos conforme se mexia, o homem de olhos verdes vibrantes e cabelos castanhos, de barba bem feita, me ajudou até que não restasse um papel que fosse no chão. Agradeci e permaneci boquiaberta quando o vi balançar sorrindo o meu cartão com meu nome e telefone que também havia caído. Ele disse que eu poderia agradecer saindo com ele para um *drink* qualquer dia e que me ligaria para combinar a data. Estamos saindo desde então e a cada dia descubro um pouco mais sobre ele, apesar de manter-me reservada sobre meu passado. Não via sentido algum em revelar mesmo que fosse a minha antiga vida para uma pessoa com a qual estava tendo apenas um caso.

— Alô? Eliza? — A voz dele preencheu o carro.

— Oi Marcos, tudo bem? — Perguntei.

— Tudo ótimo e com você? Ainda está no escritório? Pousei há pouco em Congonhas e pensei que poderíamos fazer alguma coisa.

— Eu saí faz uns quinze minutos e já estou *na 23* — respondi. — O que você tem em mente? Posso passar em casa para me arrumar e encontrar você mais tarde.

— Pensei em jantarmos lá em casa. O que você acha? — Ele perguntou, fazendo-me erguer uma sobrancelha.

— Só tem um problema nisso, Marcos… — Ponderei. — Eu não sei exatamente onde você mora, esqueceu? Que tal se eu voltar até aí para te buscar e a gente janta lá em casa?

Porque, apesar de ele já ter ido diversas vezes até a minha casa, eu nunca quis ir até a dele. Nunca me senti preparada para ver uma casa de verdade, com uma história escrita em suas paredes. Algo completamente oposto da casca vazia em que eu vivia no centro da cidade.

— Está bem. — Ele parecia estar tentando ocultar o desapontamento em sua voz. Uma pena para ele eu ser especialista em interpretar sons.

— Aconteceu alguma coisa? Pelo seu tom de voz, você não parece tão animado com isso.

— Nada passa despercebido por você, não é? — Estalou a língua do outro lado da linha. — Eu só não entendo qual o problema de ir até a minha casa.

— Não há nenhum problema — menti. — A minha casa só é mais perto do escritório e amanhã preciso finalizar a apresentação para os gerentes, quero chegar cedo.

— Poxa vida — assoviou. — Está se referindo àquela apresentação que começou a montar na semana passada? Eu passei a semana fora e você ainda não terminou?

— Sim — admiti com um suspiro frustrado. — Trabalhar naquela área é mais complicado do que imaginei.

— Entendi. Sendo assim, vamos para sua casa. Mas você continua me devendo uma visita.

— Claro, está bem. Estou pegando o retorno, daqui a pouco estou aí. Encontro você no setor de desembarque, beijos.

CAPÍTULO 2

"E em todas as horas em que fiquei pensando que de alguma forma eu perdi minha mente. (...) Mas eu não estou louco, só não estou muito bem e sei que agora você não se importa, mas logo você vai pensar em mim e em como eu costumava ser."
- Unwell, Matchbox Twenty.

Podia jurar que estava no setor de desembarque com o pisca-alerta ligado há pelo menos uma era. Várias pessoas entravam e saíam pelas portas automáticas e nada de Marcos aparecer. Liguei diversas vezes e ele não atendeu, então suspirei e desisti de esperar. Peguei o celular para mandar uma última mensagem e olhei novamente para as portas, pronta para ir embora. Até que o vi… E meu coração falhou uma batida.

Saindo pelas portas estava Ulisses, o rapaz por quem eu fui apaixonada por toda a minha adolescência e percebi que seria inútil tentar me esconder, pois seus olhos escuros já haviam me notado e ele deu um daqueles seus sorrisos sensuais — com a prepotência de sempre — em minha direção. Mais de dez anos se passaram e ele agora era um homem formado, que continuava irresistível. Seus cabelos lisos e escuros continuavam curtos, porém agora ele estava com uma barba rala. A calça jeans apertada marcando as coxas grossas, a camisa xadrez com alguns botões abertos expondo parte do peitoral e a manga curta apertando os músculos de seu braço diziam o bastante sobre seu estilo não ter mudado também. E o sorriso, o maldito sorriso que fazia meu coração querer sair de dentro do meu peito e saltar em cima dele, continuava ali.

Ulisses caminhou em direção ao meu carro e neste momento a coisa mais imbecil que eu consegui pensar foi em como eu ainda não tinha sido multada por estar ali há tanto tempo. Eu podia e devia dar a partida imediatamente e deixar Marcos para lá, pois nada no mundo valia reviver tantos sentimentos contraditórios.

— Liz! Que saudade! Juro que não esperava te encontrar aqui! — Falou animado, me chamando pelo apelido que ninguém aqui conhecia e com aquele sotaque arrastado do interior mineiro.

— Eu muito menos, mas eu trabalho aqui e estou esperando uma

pessoa. — Vomitei toda a informação, sentindo minha garganta secar.

— Entendi. Bem, acho que não posso esperar por uma ocasião melhor para te contar que estou me mudando temporariamente para essa cidade — e torceu o nariz ao indicar São Paulo com um movimento da cabeça. — Espero que algum dia você possa me visitar, me passe seu telefone para marcarmos!

Ah, mas nem pensar!

E, apesar de ter a convicção de que não iria visitá-lo, ali estava eu estendendo um cartão de visitas com meu telefone em sua direção. Meu corpo era definitivamente um traidor!

Ulisses permaneceu por um instante parado em frente ao carro, absorvendo os detalhes de meu cartão.

— Coordenadora de planejamento, então? — Ele ergueu uma sobrancelha. Como se esperasse por qualquer coisa, menos aquilo.

Pois é! Eu gostaria de ter dito se soubesse como usar minha voz. Às vezes, até mesmo eu me perguntava o porquê de ter escolhido essa carreira já que ela não tinha muito a ver com o que eu sou. Ou melhor, com quem eu era.

— Eliza! Desculpe a demora! — Marcos gritou ao finalmente sair pelas portas do aeroporto, carregando uma caixa em suas mãos, fazendo-me recobrar os sentidos.

— Eu estava quase indo embora! — Bradei enquanto ele se aproximava e notei que Ulisses o observava de um jeito curioso.

— E você, quem é? — Marcos perguntou ao se dar conta de que era observado e que meu cartão estava nas mãos do homem.

— Ulisses é um colega de infância — respondi rapidamente, a fim de não prolongar a conversa. — Acabou de chegar e me encontrou enquanto eu te esperava. E onde é que *você* estava?

— É mesmo? — Questionou, ainda observando Ulisses. — Bem, eu achei melhor pedir uma pizza para jantarmos, assim a gente não precisaria se preocupar em cozinhar algo.

— Obrigada por isso — sorri para ele. — Bem, vamos logo, já estou aqui há mais tempo do que gostaria.

Marcos entrou no carro enquanto Ulisses nos observava. Ele me deu um beijo estalado no pescoço que me arrancou uma risada devido à cosquinha.

Buzinei e acenei para Ulisses por pura educação antes de dar a partida. Porém, parte de mim ficou naquele aeroporto, novamente me

remoendo por uma vida e uma alma há muito destruídas.

CAPÍTULO 3

"Você está caindo aos pedaços e diz que eu não preciso me preocupar. (...)
Você força um sorriso e dá uma volta de carro, está para baixo e na verdade nem se importa, porque teve um dia ruim."
- Bad day, Daniel Powter.

Passei cerca de duas semanas sem ver Marcos.

Em uma semana, tive que fazer uma viagem a trabalho e na outra ele acabou pegando voos longos e as demais rotas não voltavam diretamente para São Paulo. Combinamos de nos ver na próxima sexta-feira quando ele chegasse de viagem e o maior problema nisso é que a data era também meu aniversário e eu não me sentia com nenhuma vontade de comemorá-lo. Marcos era fascinado por festas e eventos "especiais" como o nascimento das pessoas, então podia apostar que escolheu a data já pensando em aprontar alguma coisa.

Por sorte, me mantive tão ocupada com o trabalho que nem vi a semana passar e felizmente me livrei da apresentação de reestruturação, bastava agora começar a colocar as coisas em prática. Quando a sexta-feira chegou, agradeci pela folga no trabalho para poder organizar minha casa que estava uma completa bagunça com as papeladas que andei arrastando de um lado para o outro e aproveitei o calor para usar um vestido fresco verde de verão que encontrei por acaso em um *outlet*. Uma olhada rápida no espelho me garantiu que eu estava aceitável. Meus cabelos castanhos e compridos, presos em um rabo de cavalo frouxo, destacavam meu rosto triangular e o vestido decotado de alças realçava meus seios medianos e deixava parte das minhas coxas à mostra.

Marcos chegou à noite, completamente vestido de social, carregando uma caixa embrulhada absurdamente grande e pesada. Revirei os olhos quando ele disse se tratar de uma surpresa e que só descobriria quando chegasse a hora.

— Pelo menos você me poupou de um estúpido jantar com direito a bolo e velas — falei quando estávamos estirados no sofá. — A não ser que tenha um bolo naquela caixa gigante também — ponderei e ergui a

sobrancelha ao constatar que era mesmo possível vindo de Marcos.

— Não tem — ele disse rindo. — Sei que você não gosta de doces e eu tenho outros planos para esta noite, nenhum deles inclui adquirir diabetes.

— É mesmo? Que tipo de planos?

— Completar 30 anos é uma ocasião muito especial. Ela merece ser celebrada. — Marcos sorriu travesso e se levantou do sofá para se ajoelhar no chão à minha frente e começar a procurar algo no bolso traseiro de sua calça.

Por um segundo, senti meu cérebro dar tapas em minha face, não acreditando que ele faria o que eu estava imaginando e me preocupei, sentindo os músculos do meu corpo se retesarem. Mas, ainda sorrindo, ele mordiscou meu joelho e tirou apenas uma fita vermelha do bolso, e, levantando-se, veio até mim e vendou meus olhos com a tal fita.

— Sabia que eu adoro quando você usa vestido? — Ele sussurrou em meu ouvido, fazendo-me morder o lábio.

Não o respondi. Apenas me permiti sentir suas mãos passeando pelo meu corpo e arqueei um pouco as costas quando uma delas adentrou por minhas coxas e parou a poucos centímetros de onde ele queria chegar e que, provavelmente, eu queria ainda mais que chegasse.

Conosco sempre foi assim, sabíamos o essencial um sobre o outro e até podíamos desabafar sobre o cotidiano, mas nosso lance era físico. Refugiar-se e encontrar prazer nos braços um do outro, apenas para seguir dia após dia respirando.

Murmurei seu nome quando seus dedos roçaram minha parte interior e ele arrancou minha calcinha com um movimento ágil. Ainda de pé, Marcos me deu um beijo quente e desejoso, descendo a boca pelo meu corpo, passando pelo pescoço e demorando-se em meus seios que estavam rígidos sob o vestido, até se ajoelhar novamente e sua boca encontrar seu destino entre minhas pernas. De olhos vendados, todas as sensações se intensificavam e seu toque me incendiava cada vez mais. Queria mais e mais dele em mim quando ele parou, deixando meu corpo trêmulo. Puxei-o pela camisa e o beijei ferozmente enquanto trabalhava nos botões dela, pois ainda havia muito tecido entre nós.

— Essa sede toda é saudade de mim, Eliza? — Sussurrou quando terminei de tirar sua camisa e mordiscou o lóbulo de minha orelha esquerda. — Faz *só* duas semanas que não nos vemos — ele ironizou, como se duas semanas fossem duas horas.

Mas, apesar das provocações, pude perceber o quanto ele também

desejava esse momento. E eu não estava com vontade de jogar hoje.

— Você pretende ficar apenas me provocando com joguinhos ou vai terminar de tirar minha roupa? — Resmunguei contra sua boca, puxando-o para ainda mais perto.

— Ora, vejo que alguém não está para brincadeiras hoje — falou e em seguida mordeu meu lábio inferior, sugando-o enquanto suas mãos se encaixavam em minha nuca.

Ele intensificou o beijo, deixando-me com mais desejo ainda de ser completamente tomada, parando apenas para finalmente tirar meu vestido e suas roupas. E, emaranhando a mão direita em meus cabelos, deitou-me no sofá e retomou o beijo vindo para cima de mim selvagemente. Movi-me abaixo dele para encaixá-lo entre minhas pernas, entrelaçando-as em suas costas e, a cada estocada firme e profunda, gememos de prazer incontrolável até o nosso clímax.

A noite acabou e nem me incomodei em abrir o tal presente, pois já tinha recebido mais do que podia esperar.

CAPÍTULO 4

“Meu coração está cheio e minha porta sempre aberta, você pode vir a qualquer hora.
Procure a garota com o sorriso quebrado, pergunte se ela quer ficar por um tempo e ela será amada.”
- She will be loved, Maroon 5.

Acostumada a acordar cedo, tateei a cama buscando o corpo de Marcos e a encontrei vazia, porém o espaço ainda quente indicava que ele não tinha levantado há muito tempo.

— O que está fazendo? — Recosto-me à parede do corredor do apartamento, ao vê-lo pintar uma das paredes da sala.

— Não é meio óbvio? — Ele brincou, balançando o pincel em sua mão.

— Eu sei… — Franzi a testa. — Eu quero saber o motivo de estar fazendo isso.

— É o meu presente de aniversário para você, Eliza — ele sorriu com doçura e isso teria partido meu coração se ainda houvesse alguma parte inteira nele. — Seu apartamento é inteiramente branco, sem traços pessoais ou qualquer coisa que denote vida dentro dele. Então quis surpreendê-la com uma revitalização.

Engoli a seco a informação e precisaria de muito tempo para digeri-la. Nunca dei a Marcos sequer uma pontada de esperança de que éramos algo além de amantes, às vezes nem mesmo conseguia nos considerar amigos. E ali estava ele pintando meu apartamento para trazer vida a ele, para tirar dele o que o fazia tão meu… *O vazio.*

Retornei ao quarto respirando fundo, eu lidaria com aquilo tudo mais tarde.



Algumas horas depois, acordei com o ranger da porta do quarto. Marcos veio até a minha cama e acariciou minhas costas nuas com o polegar.

— Te desagradou tanto assim a ideia de pintar o apartamento? —

Perguntou, fazendo-me expirar fundo.

— Não, é só que… É difícil trazer vida às coisas quando nem ao menos se sente vivo — respondi, virando-me para encarar seu rosto.

— Eu gostaria de entender o que você quer dizer, Eliza — ele disse, estendendo a mão para afagar meus cabelos. — Você sempre está dizendo coisas desse tipo, como se não vivesse de fato, e nunca explica a razão. Mas veja, você tem um bom emprego, um bom apartamento, tem boa saúde e, por mais que nós não tenhamos nada com títulos, você tem a mim também. E eu posso ser mais do que uma foda para você, nem que seja para ser um amigo que você possa sempre contar e dizer o que precisar.

Suas palavras me atingiram como um punho, por mais doces que tenham sido. Ele nunca poderia interpretar o que eu fui e o que me tornei, ele nunca poderia compreender o vazio que habitava meu corpo e eu não estava disposta a contar. Não estava disposta a *sentir* novamente. Então me limitei a dar um fraco sorriso e tocar sua mão em meus cabelos e respirar o cheiro de tinta que praticamente inundava o apartamento.

— Não há nada para dizer, Marcos — falei, optando por deixar as coisas como estão. — Eu apenas sou assim, essas coisas materiais não tem significado algum para mim. Minha vida é apenas um conglomerado de atividades e rotinas e não vejo sentido em preenchê-la com coisas banais — proferi mentira após mentira em um tom controlado e calmo, esperando que bastasse para que ele entendesse o recado.

— Você pode não ver sentido, mas isso não muda o fato de que *cavalo dado não se olha os dentes*. E meu presente de aniversário para você este ano é trazer essas “coisas banais” para a sua vida — ele piscou para mim e fiquei quieta, pois não queria levar essa discussão adiante. Marcos é um bom homem e está cheio das melhores intenções, não seria justo com ele.

— Certo — dei-me por vencida. — E o que eu faço enquanto você termina de contaminar o ar do meu apartamento com esse cheiro fortíssimo de tinta? Respirar isso por muito tempo não faz bem.

— Bem, — ele me deu um sorriso debochado e divertido que mostrava claramente que aquilo também era parte do seu plano — a gente pode se refugiar no meu apartamento este fim de semana e, se você me ajudar a pintar, ficará pronto mais rápido e teremos que lidar com o cheiro por menos tempo. Que tal?

— Está bem… Então vamos acabar logo com isso — concordei um pouco contrariada e o empurrei para fora da cama.

No fim, não pude negar que pintar o apartamento com ele foi divertido. Brincalhão como é, Marcos conseguiu me tirar algumas risadas enquanto “acidentalmente” passava o pincel em mim e não na parede.

CAPÍTULO 5

"Querida, por favor, se você já se sentiu como um nada saiba que você é perfeita para caralho para mim."
*- F**king perfect, P!nk.*

Marcos morava em um bom bairro na zona norte, próximo às principais avenidas da região e sempre que o questionei sobre a razão de não morar tão próximo do aeroporto de Congonhas, ele simplesmente respondia que era útil morar entre os dois aeroportos da cidade, para o caso de mudarem sua escala. Apesar do bairro, o prédio antigo não dispunha de elevadores e tivemos que subir de escada até o seu apartamento no segundo andar.

— O lado bom é que você pode se exercitar diariamente — ironizei ofegante quando chegamos ao corredor, fazendo-o rir.

— É muito importante manter a forma, mas saiba que eu tenho outras atividades preferidas para isso — respondeu com uma piscadela, passando levemente uma mão por minhas costas enquanto procurava sua chave da porta com a outra.

Ouvi o som de uma das portas ao lado esquerdo do corredor se abrindo e virei o rosto seguindo a direção indicada pelo som e me arrependi no momento seguinte, pois Ulisses estava saindo por ela. Arregalei os olhos, incrédula com as ironias do destino e Marcos seguiu meu olhar até o homem que agora estava fechando sua porta e nos encarando.

Implorei silenciosamente para que Marcos abrisse sua porta logo para que eu deslizasse para dentro, mas seu rosto indicava que ele tinha outros planos.

— Boa tarde, vizinho! Que coincidência um velho amigo de Eliza morar tão perto.

— Ele não é meu amigo — rebati friamente e o rosto de Marcos se franziu em dúvida.

— Boa tarde! — Ulisses respondeu um pouco entristecido pelo que eu disse. — Não sabia que você morava assim tão perto de mim, Eliza. Teria me poupado algumas ligações frustradas esta manhã.

— Que ligações? Aliás, cadê meu celular? — Imediatamente revirei minha bolsa atrás do aparelho. Eu tinha esquecido completamente a existência dele desde o dia anterior.

Percebi que ele não estava na bolsa e que deveria estar descarregado em algum canto da cozinha, onde eu o havia deixado antes de Marcos chegar, já que fazia tempo que não escutava seu barulho.

— Você realmente não tem nenhum apego por tecnologia. — Marcos debochou, mas seu semblante parecia cauteloso ao olhar novamente para Ulisses e responder: — E ela não mora aqui, eu moro.

— Entendi. Ontem foi seu aniversário, não foi? Eu gostaria de te parabenizar. — Ulisses falou olhando para mim e, de alguma forma, eu comecei a achar meu par de tênis a coisa mais interessante do mundo. A minha tensão não passou despercebida por Marcos e então, ele decidiu finalmente abrir a maldita porta.

— Obrigada — respondi, ainda olhando para baixo e entrei no apartamento em busca de ar, apenas para me surpreender ainda mais.

Marcos entrou na sequência e quase tropeçou em mim no pequeno corredor que levava até a sala. O apartamento dele era enorme, mas o que mais me surpreendeu foi o lindo piano mogno recostado à parede ao lado da sacada. Definitivamente, eram coisas demais para lidar no mesmo dia. Senti-me derretendo no chão e, de fato deveria estar, pois Marcos me segurou pelos braços.

— O que houve Eliza? — Perguntou, preocupado. — Tem algo a ver com o vizinho?

— Não. — Balancei a cabeça e apontei com a mão trêmula para o piano. — Você nunca me contou que tocava.

— É porque eu não toco — respondeu, erguendo uma sobrancelha. — Este piano e este apartamento pertenceram à minha avó e eu passei praticamente a vida inteira neste lugar, ouvindo-a tocar. Ela os deixou de herança para mim há três anos.

— Sinto muito — falei baixinho e fui sincera.

Perder pessoas importantes e, ao mesmo tempo, perder a música que preenchia nosso ser era uma dor absoluta. *E eu a conhecia muito bem.*

Marcos me pegou no colo e levou-me até o sofá, sem que eu tirasse os olhos daquele piano. Um momento depois ele estava de volta com um copo d'água em suas mãos.

— Beba — ofertou-me e não recusei. — Eu trouxe você para cá na

intenção de termos um bom final de semana, mas se soubesse que você ficaria pálida assim e parecendo que viu um fantasma, não teria te trazido.

— Desculpe — fixei meu olhar no de Marcos, tentando recuperar o autocontrole. — Eu já estou melhor.

— E aposto que você não vai explicar facilmente o motivo dessa reação — ele sopesou.

— Eu... Eu costumava tocar... — revelei o fragmento de uma vida que não me pertencia mais e dei um sorriso triste para ele, surpreendo-o. Meus olhos se encheram de lágrimas, e foi como se uma avalanche começasse a acontecer dentro de mim por tudo que eu queria evitar ver. — Agora entendo a importância deste lugar e o principal motivo para você não se mudar.

Marcos se surpreendeu com o pouco que revelei e ainda parecia preocupado, mas sorriu de volta quando afastei as lágrimas de meus olhos com uma das mãos. Com um carinho arrasador, ele me envolveu em seus braços e deu beijos leves em minha boca, guiando-me de volta até ele e a nossa conexão, até o controle que gostávamos tanto de perder. E, neste momento, eu realmente precisava me perder em seus braços, para apagar qualquer outra sensação em mim.

Minhas mãos alcançaram os botões de sua camisa e os abri com maestria, revelando completamente o peitoral firme e a barriga chapada. Ele retirou a camisa aberta do corpo e puxou para cima a blusa que eu estava usando, revelando meu sutiã branco rendado que realçava os seios.

Os olhos de Marcos se tornaram famintos, mas por um breve momento a dúvida se estampou em sua face e ele me encarou como se pedisse permissão para continuar. Joguei meu cabelo para trás dos ombros para lhe dar uma visão mais completa e, em resposta à dúvida, atirei-me em seus braços e beijei sua boca com fervor. E nos entregamos ao desejo por horas.

CAPÍTULO 6

"Eu posso sentir desabando esses sentimentos que eu não aguento mais, esse vazio no fundo da gaveta e está ficando difícil fingir. Isso foi antes e agora é o fim."
- Remember when, Avril Lavigne.

Decidi me entocar no quarto de Marcos durante todo o tempo, pois ficar na sala com a opressão da presença daquele piano era demais para mim. Eu voltaria para a minha casa à noite após o jantar e, enquanto aguardávamos a entrega da comida chinesa que pedimos, tomei um banho e Marcos foi em seguida.

O celular dele tocou em cima do criado mudo quando eu ainda estava me secando. O identificador de chamadas mostrava "Marcela" e me senti um pouco mal por não saber quem era a mulher que tanto ligava para ele. O que era a maior besteira de todas, já que eu também não falava sobre mim. Ainda assim, considerei atender a ligação, mas desisti quando a campainha tocou e precisei vestir rapidamente as primeiras peças que vi — a parte de baixo do meu pijama e uma camiseta de Marcos — e mentalizei que seria fácil e rápido: Pegar o pedido, pagar e correr de volta para o quarto.

— Já vai! — Gritei quando a campainha tocou pela segunda vez e sai em disparada para a sala.

Abrir a porta e dar de cara com Ulisses foi assustador, principalmente ao reparar que Olívia estava atrás dele e em um segundo minha mente estava novamente naquele pequeno palco em Minas Gerais.

Ela continuava linda, os anos apenas serviram para terminar de modelar e firmar o seu corpo de boneca. Seus olhos de um azul profundo continuavam hipnotizantes e a maior mudança visível em seu rosto era seu cabelo ruivo, outrora comprido, estava cortado na altura do ombro para realçar o volume e com uma franja lateral espetacular.

— Que bom que ainda está aqui. — Ulisses falou em um tom tranquilo, mas falhou em disfarçar o franzir da testa ao me medir de cima a baixo.

— Você não é o entregador… — Suspirei frustrada. — O que você quer?

— Quanta educação! — Olívia ironizou e seu semblante era de pura irritação. — Viu como era perda de tempo tentar falar com ela?! — A voz dela era a última coisa que eu gostaria de ouvir de novo em minha existência e a insatisfação estava tão nítida em minha face que decidi fechar a porta na cara deles.

— Liz, espere! — Ele pediu e parei de mover a porta. — Eu... Nós estamos aqui para te dar um presente de aniversário e também para fazer um convite.

— Eu não quero *nada* de vocês, obrigada.

— Cacete mulher! Você poderia ter se tornado menos chata com o passar dos anos. — Olívia sibilou, claramente contrariada em estar ali.

— Nós vamos nos apresentar no Parque do Ibirapuera em duas semanas — meu peito se apertou com a afirmação de Ulisses. — Gostaria que se apresentasse conosco, como nos velhos tempos.

Ele me estendeu um *case* em formato de violino, fazendo-me perder a voz e meu mundo virar de cabeça para baixo novamente.

— Eliza? — Marcos me chamou do corredor e caminhou em direção à porta da sala. Eu não queria que ele visse aquilo, mas não conseguia sair do lugar ou sequer falar alguma coisa.

— Uh! Veja só o que temos aqui! — Olívia saboreou cada palavra ao avaliar Marcos com luxúria quando ele chegou à porta vestindo apenas uma bermuda vinho — Oi bonitão, muito prazer, me chamo Olívia!

— Amiga sua? — Marcos me perguntou, apoiando a mão em meu ombro. Como não respondi, ele deve ter percebido meu transtorno, pois vociferou irritado para Ulisses: — Cara, você não percebe o quanto a sua presença a tem incomodado? Só um cego não teria visto isso! Por que não para de ser inconveniente?!

Ulisses olhou de Marcos para mim e pareceu me notar de verdade pela primeira vez e ele não gostou nada do que viu. Ainda assim, ele colocou o *case* pesado em minhas mãos.

— Desculpe atrapalhar a noite de vocês. Por favor, considere o meu pedido — e saiu arrastando Olívia pelo corredor.

— Ei, espera! Eu não sei nem o nome ou o telefone do seu vizinho bonitão! — Olívia resmungou e percebi, com certo alívio, que ela devia estar na cidade apenas para a tal apresentação.

Ulisses deve ter travado uma briga imensa para conseguir vir até aqui para me convidar e esse pensamento me fez desmoronar no chão, com o

violino à minha frente, e chorar.

Marcos fechou rapidamente a porta e ajoelhou-se no chão para me abraçar. Ficamos ali jogados no chão até o verdadeiro entregador chegar. Ele não falou nada durante o tempo todo em que me manteve em seus braços, afagando meus cabelos, e nem depois enquanto jantávamos.

Apenas quando fiz menção de ir pegar minha bolsa e me trocar para ir embora, Marcos sentou-se no sofá e falou:

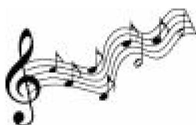
— Eliza me desculpe, mas eu não posso mais ficar no escuro desse jeito — e quando viu a negativa se formar em meu olhar, continuou: — Eu vi como esse cara mexe com você e é de uma forma bem mais profunda que um amigo ou até mesmo um colega mexeria com alguém. E quanto à garota que apareceu desta vez, você estava apavorada só de olhar para ela. Não sei o que eles te falaram e te pediram, mas tem um instrumento com você agora mesmo tendo sido clara sua aversão a eles por causa da sua reação ao chegar aqui ontem. Sei que você estabeleceu seus limites entre nós, mas não dá mais para me fingir de cego! Você precisa me contar o que está acontecendo!

Ele estava irritado e com razão. Ninguém gostava de ter desconhecidos batendo à sua porta trazendo o caos com eles. Suspirei e fui em silêncio até o quarto, voltando minutos depois já pronta para partir. E, apesar de estar voltando para a minha casa, a sensação era de que eu estava me mudando para fugir de tudo novamente. Ele estava sentado no sofá com o semblante sério, me encarando e com os cotovelos apoiados nos joelhos, quando respondi:

— Eu não consigo e nem quero falar sobre nada disso, Marcos. Gostaria que você entendesse e respeitasse os fatos. A nossa relação sempre foi casual e livre de qualquer obrigação, mas se você não consegue mais conviver comigo desta forma, é melhor pararmos por aqui — eu o encarei, me lembrando da vontade que também tive de cruzar essa linha e atender o seu celular.

Realmente era melhor parar antes que as coisas piorassem.

Ele não se moveu um milímetro ou falou coisa alguma para me fazer mudar de ideia. Seu respeito por mim era uma das coisas que mais gostava e também foi o fator decisório para que eu fosse embora de sua casa e de sua vida.



Em casa, um tempo depois, carreguei meu celular e recebi uma saraivada de mensagens e alertas de ligações perdidas. Algumas de Marcos e outras de um número que eu não tinha na agenda. Eu não sabia o que fazer, mas a presença de Olívia me lembrava de que ela sempre vencia, seja lá o que estivesse tramando, e que desta vez não seria diferente. Então, respondi as mensagens que descobri serem de Ulisses:

"Oi, desculpe por mais cedo, mas não sei se sou a melhor pessoa para me apresentar com vocês, não toco desde aquela época… Obrigada pelo convite, mas eu não posso aceitar. E ouvi a Olívia dizendo que queria o telefone de Marcos, vou enviar por aqui e você passa para ela, por favor? Abraços."

Me sentia imatura por agir assim e entregar os pontos dessa forma, mas eu já estava farta dos jogos de Olívia e não iria de jeito nenhum entrar neles de novo. Já as mensagens de Marcos diziam o bastante sobre a decisão que eu tomei e o tipo de homem incrível que ele era. Não acreditava na minha decisão e estava triste, mas a respeitaria.

Por muito tempo eu desejei ter alguém com quem conversar e desabafar sobre como eu me sentia. As saudades de casa e de Ulisses, a falta que nossa banda me fazia, e principalmente sobre o vazio deixado pela música que habitava meu ser. Até que, cinco anos atrás, eu finalmente aprendi a parar de sentir e me tornei outra pessoa, ou melhor, outra coisa.

Olhei triste para o *case* do violino em cima do meu carpete, mas as lágrimas vieram junto com a curta resposta de Ulisses:

"Eu te desafio a tentar."

CAPÍTULO 7

"Vou caminhando em meio a tempestade, procurando um território neutro onde não escute sobre você. Onde eu aprenda a esquecer, a não morrer e a não viver tão fora do lugar."
- Alérgico, Anahí.

As duas semanas seguintes passaram sem que eu falasse com Marcos em momento algum. A única lembrança constante dele era a parede da minha sala que pintamos juntos. Já Ulisses me convenceu a passar meu endereço para ele e, desde então, tem vindo em casa para repassar algumas notas das músicas que planejava apresentar tanto no violão quanto no teclado que trazia consigo.

Eu ainda não tinha tocado em instrumento algum e nem decidido se iria me apresentar, mas a presença de Ulisses ali era nostálgica e reabria buracos demais que eu tinha custado a fechar. Não conseguia nem mesmo entender o motivo pelo qual eu permitia que ele estivesse em minha casa, que se sentasse em meu carpete e tocasse.

— Amanhã é o grande dia! Você já decidiu se vai tocar com a gente? — Perguntou, arrancando-me de meus pensamentos. — O Érico e a Valéria estarão aqui também, eles chegam hoje na cidade. Aliás, você soube que eles se casaram?

— Não, eu me blindei de qualquer informação vinda de lá, mas fico feliz por eles — respondi com um sorriso que não chegava aos olhos. — E ainda não sei se vou conseguir. Veja, estamos há duas semanas aqui e eu não cheguei nem perto do teclado ou do violino até agora. Você não pode esperar com sinceridade que eu toque maravilhosamente amanhã depois de doze anos longe desse mundo.

— Liz, as músicas são fáceis e sei que você já memorizou todas elas e deve ter se imaginado as tocando. Mas mesmo que fossem as músicas mais difíceis com os acordes mais complexos do mundo, eu acredito que você conseguiria — ele retirou o violão de seu colo, aproximou-se um pouco mais de mim e colocou sua mão sobre a minha. — Aliás, eu não entendi até agora como você conseguiu ter uma mudança tão drástica de carreira. Como você

consegue trabalhar com algo tão sem graça assim?

— É bem simples na verdade. Para trabalhar em certos lugares, conta o que você sabe e o quanto domina sua mente, conta o quanto é capaz de fazer o valor da empresa aumentar. A sua alma, ou o que restou dela, é a última coisa que vão desejar conhecer. Mas não é como se isso me incomodasse, eu já não tenho uma alma mesmo. E você, mais do que ninguém, não deveria acreditar no meu potencial para nada — ele franziu o cenho com a minha resposta e engoliu em seco antes de se pronunciar.

— Sei que vai mencionar aquele dia e o quão idiota fomos com você, que vai mencionar a forma como eu a tratei, mas não sou mais aquele moleque e eu quero fazer diferente desta vez... Por nós. — Ele encostou delicadamente seus lábios nos meus e apertou minha mão que estava junto à sua.

Eu tinha ansiado tanto tempo por este beijo, em outro tempo, em outra vida, que nem soube como reagir a ele. E eu tinha me acostumado tanto com a batida ritmada e sem graça que meu peito emitia nos últimos sete anos, que não esperava mais senti-lo batendo rápido e descompassado da forma como ele estava agora. Era estarrecedor.

— Toque conosco amanhã — pediu novamente, esperançoso. — Todos nós amadurecemos e estamos prontos.

— Faça o possível para não depender da minha presença — respondi e encarei o violino ao meu lado no chão.



No dia seguinte, lá estava eu fazendo a coisa mais inconsequente de toda a minha existência. A manhã de sábado estava linda e eu dirigia em direção ao Ibirapuera com o novo violino no banco do passageiro ao meu lado. Meu único desejo era o de que todos realmente tivessem amadurecido e que nenhum novo desastre acontecesse. A apresentação teria início no começo da tarde e terminaria pouco antes do pôr do Sol.

Cheguei pelos fundos do palco da apresentação e vi todos eles lá, preparando os instrumentos. Em nossa antiga banda, Ulisses tocava bateria, violão e cantava ao lado de Olívia — que sempre foi apaixonada por ele e até onde eu sabia não era correspondida —, o Érico tocava guitarra e violão, a Valéria tocava baixo e eu tocava teclado e violino, quando necessário. Gostávamos de fazer *covers* de músicas com significados marcantes e todos os instrumentos eram úteis para a versatilidade de ritmos que

apresentávamos. A Valéria e o Ulisses eram meus melhores amigos e éramos felizes, até aquele maldito dia…

Valéria deu um gritinho quando me viu e correu em minha direção para me abraçar.

— Eu rezei tanto para que você viesse! — Choramingou, me apertando cada vez mais. — Senti tanto a sua falta, Liz!

— Oi Val… Você está me machucando. — Consegui dizer, com o peito sendo pressionado pelo peso dos anos que se passaram.

— O Ulisses disse que talvez você não pudesse vir por causa de uma apresentação que está fazendo para o seu trabalho.

— É mesmo? — Questionei a mentira, desviando o olhar para Ulisses que montava sua bateria e fingia não prestar atenção no que estávamos conversando.

— Venha falar com todos! — E me puxou animadamente para mais perto do pessoal.

Ulisses sorria radiante por eu estar ali, até mesmo Érico parecia animado e mencionou algo parecido com estar tudo completo novamente. A única que não parecia feliz era Olívia e ela não fazia questão de esconder seu descontentamento e até murmurou provocações de que esperava que nada desse errado. Mas a alegria de Valéria, de Ulisses e até mesmo de Érico, me deram a força para encarar e fazer algo que eu deveria ter resolvido há doze anos.

— Olívia venha comigo, preciso falar com você! — Falei, já a puxando pelo braço, arrastando-a por vários metros até o estacionamento, onde julguei que os outros não ouviriam.

— Nós não temos tempo para perder com conversinhas Eliza! — Sibilou quando paramos.

— Olha só, a cobra já está mostrando a língua! — Reclamei e ela franziu o cenho. — Olívia, eu sei que foi você que sabotou a tábua do palco para que eu tropeçasse e caísse em cima da bateria de Ulisses naquele dia. Mas, o que você não sabe ou talvez até saiba e nunca tenha se importado é que além da bateria de Ulisses e meu violino, você quebrou a nossa unidade como banda e também a minha autoconfiança. — O meu espírito eu terminei de quebrar sozinha, mas isso não era necessário dizer, de tão nítido que era.

— Eu não sei do que você está falando, eu não sabotei nada! — Retrucou.

— Por que mentir depois de tanto tempo? A Valéria me contou a

verdade algumas semanas depois. Ela me contou que te ajudou porque você queria me tirar da jogada, convenceu a coitada de que eu a ofuscava, quando na verdade tudo que você queria era me ver longe de Ulisses!

— E por que nunca contou para ninguém isso, fofinha? — Ela estalou a língua cheia de veneno. — Ah é, lembrei! Porque ninguém queria sequer olhar na sua cara depois do vexame e jamais acreditariam em você. Só não sei onde quer chegar com isso... Se espera que eu peça desculpas, pode *tirar o cavalinho da chuva*.

— Não espero algo tão nobre e limpo de alguém suja como você. O que eu quero saber é se planeja fazer algo de novo, pois se planejar, eu simplesmente vou embora e te poupo deste trabalho. O pessoal merece estar aqui. Eles sonharam muito com essa apresentação, batalharam para estar aqui e eu não vou permitir que você estrague tudo de novo!

— Receio que terá que pagar pra ver, querida — sua resposta sarcástica e seu sorriso malicioso me tiraram do sério.

Mas antes que eu pudesse falar ou fazer algo (e eu queria muito bater nela!), o restante do grupo saiu de trás de um carro próximo de onde estávamos. Olívia começou a gaguejar tentando se explicar, completamente chocada, enquanto Ulisses a fuzilava com o olhar.

— Então foi você?! — Ele berrou.

— Você armou isso tudo, não é sua cretina? — Olívia vociferou e avançou em minha direção.

Um batimento cardíaco depois, Valéria a estava segurando pelos pulsos e falou:

— Ela não armou nada. Eliza sempre teve um coração gentil e sempre fez por todos nós muito mais do que fizemos por ela. Nós a rechaçamos, fizemos com que ela mudasse de cidade e até mesmo abandonasse a música que ela tanto amava. E ela simplesmente acatou tudo e se foi, porque seu amor por nós, pela nossa felicidade e seu respeito por nossas escolhas sempre foram maiores do que o que ela queria para si mesma! — Ela soluçou entre lágrimas. — Eu trouxe todo mundo até aqui agora, porque estava mais do que na hora de resolver esse assunto, porque me partiu em mil pedaços ver o vazio e o medo no olhar de Eliza quando ela chegou aqui hoje.

— Solte-me e pare de falar besteiras, Valéria! — Olívia resmungou, chocando a todos quando prosseguiu: — Esse sentimentalismo barato de vocês é o que sempre levou nosso grupo à ruína. Eu fiz tudo isso sim e muito mais até. E faria de novo, se não estaríamos limitados àquela cidadezinha

minúscula até hoje.

— Você está fora. — Ulisses respirou fundo ao dizer pausadamente as palavras em nome do grupo.

— O quê? Enlouqueceu?! — Ela gritou histericamente. — Vocês não podem fazer isso sem mim! Nós estamos aqui por minha causa! Além disso, quem é que vai cantar?

— Nem que a gente fique sem vocal, você está fora! — Ulisses rebateu, já perdendo a calma e Érico colocou a mão em seu ombro para lhe apoiar.

— Eu posso cantar. — Valéria falou e sorri para minha antiga amiga, que acabara de restaurar um pedaço em meu coração estilhaçado.

CAPÍTULO 8

"Quando a luz do sol estiver desaparecendo, o mundo estará esperando por você, basta mostrar a eles do que você é capaz."
- Show 'em (what you're made of), Backstreet Boys.

Optamos por não utilizar um palco para evitar qualquer possível armadilha de Olívia, enquanto ela permanecia sentada em meio às nossas coisas, emburrada e de braços cruzados.

O público começou a se reunir em torno de nós e nos preparamos. Eu estava tentando controlar o tremor diante do teclado enquanto finalmente dedilhava algumas notas nele e meu estômago retorcido parecia querer sair de dentro de mim. Olhando de relance para a plateia improvisada a nossa frente, eu o vi chegar e se aproximar, recostando-se a uma pilastra próxima. Eu não queria considerar o motivo de ele estar ali e muito menos como sabia que eu estaria. Meu peito pulava tanto pelo nervosismo que eu parecia ser novamente aquela adolescente tocando o teclado na escola pela primeira vez na feira de música. Foi lá que tudo começou e é aqui que provavelmente tudo terminaria, já que não terminou verdadeiramente há doze anos. Ulisses piscou para mim e iniciou a contagem das batidas nos pratos da bateria. *Era hora do show!*

A música fluiu de dentro para fora de mim e, por um momento, senti que ela nunca tivesse me deixado. Senti ali, junto ao teclado, como se ela sempre estivesse ali comigo, aguardando o momento certo de revitalizar a minha alma e curar meu coração. Eu toquei e ela me tocou; éramos o início, o fim e o meio. Podia sentir a restauração começando em cada poro do meu corpo.

Fizemos nosso ritmo contagiar a todos os presentes e a nós mesmos, que podíamos explodir de tanta felicidade. As pessoas começaram a se levantar para ir embora enquanto eu procurava por aquele rosto específico na multidão.

— Esperem, temos uma apresentação final para vocês! — Ulisses falou radiante e as pessoas voltaram aos seus lugares. — Para comemorar a

volta de uma pessoa muito querida em nossa banda, gostaria que nossa tecladista nos mostrasse seus dons no violino também. — Arregalei os olhos e neguei com a cabeça, mas meus amigos aplaudiram a ideia e logo o público também.

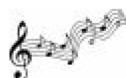
Valéria puxou-me para frente do grupo e Ulisses me trouxe o violino, beijando a minha mão antes de dizer:

— Você consegue Liz!

A proposta era que eu tocasse violino, mas meu coração parecia disposto a tocar tambor e tudo que eu conseguia ouvir eram suas batidas descompassadas. Eu tinha conseguido chegar até ali. Eu tinha tocado e encantado, bastava apenas esse *grand finale* que eu sabia ser mais para mim que para o público, era o momento permitido para a minha superação.

Olhei uma última vez para o público e a confirmação contida naquele olhar fez meu coração falhar uma batida, era o que eu precisava para recomeçar. Toquei a melodia de uma antiga peça de teatro, que fazia sucesso no Brasil e no mundo há mais de cem anos. E em cada trajetória do arco, a cada acorde feito, a cada nota tocada, permiti-me lembrar de tudo que vivi nos últimos doze anos para expurgar, junto com a música, toda a mágoa e reprimenda, todo o medo e toda a dor. E lembrei-me de uma luz que se acendeu em meu caminho no dia em que eu pensei em desistir de seguir em frente e em como aquela luz tentava, sem desistir, iluminar a crescente escuridão que me devorava. Eu estava liberta para sentir novamente, para viver e para deixar aquela luz permanecer comigo como ela tanto queria. E eu permiti, em meio àquelas pessoas, que a música, que outrora me partiu, me remendasse definitivamente.

O fantasma que eu me tornei nos últimos anos já não era mais importante e nem faria parte da minha nova vida.



— Uau! O público foi à loucura, parabéns! — Ulisses surgiu atrás de mim no estacionamento, enquanto eu guardava minhas coisas após a apresentação, e me envolveu em um abraço caloroso.

— Você tocou aquela peça praticamente inteira, foi incrível! — Valéria chegou acompanhada de Érico.

— Obrigada gente, vocês não têm ideia do quanto isso significa para mim. Eu não sabia o que tocar, mas a dor e o amor dessa peça falaram mais

alto e simplesmente deixei acontecer.

— Liz — Ulisses chamou, atraindo minha atenção —, eu tenho um pedido para te fazer.

— Pode falar… — Engoli a seco, ansiosa pelo que quer que fosse.

— Eu ficarei em São Paulo por mais dois meses, depois disso… Você quer voltar para casa comigo? — Ele tirou do bolso uma pequena caixinha que revelou um anel. — Eu esperei anos por esse momento e prometi a mim mesmo que o faria se você viesse hoje.

— Eu… — Com tantas emoções no mesmo dia, eu já não sabia como me expressar, mas eu sabia o que eu queria e o que eu precisava fazer. — Não posso aceitar seu pedido Ulisses.

Valéria e Érico se sobressaltaram com a minha negativa e percebi de relance as mãos de Ulisses tremendo levemente no momento em que ele fechou a caixinha e a guardou novamente no bolso. Aproximei-me dele e apertei carinhosamente suas mãos, olhando para ele com ternura e libertação.

— Eu te amei Ulisses, muito mais do que você sequer poderia imaginar. Foi este amor que me fez realizar o seu desejo, o de todos vocês. — Ele abriu a boca para rebater, mas balancei a cabeça em negativa e continuei: — Nossa vida foi regida pelo destino através da música, ela nos uniu e também nos separou.

E aqui estamos nós novamente por causa dela, ele podia ler em meus olhos a afirmação não dita.

O rosto de Ulisses se tornava cada vez mais triste com as minhas palavras, mas eu precisava dizê-las em voz alta… Para ele e para mim mesma:

— Eu tive que aprender a sobreviver sem a música como guia e quando pensei que já não havia mais sentido em continuar vivendo, o destino se compadeceu de minha alma quebrada e trouxe uma luz para tentar afastar a escuridão que me preenchia e eu não tinha percebido isso até poder sentir novamente. E me dar conta de que aquela luz tentava me fazer enxergar que o destino queria se redimir e deixei-me ser remendada pelas as músicas que toquei hoje. Mas, eu não sou mais a garota que você mandou embora, e agora quero alcançar essa luz antes que meu caminho se torne escuro novamente, porque ela voa e eu quero voar junto. Espero que você entenda. — Beijei seu rosto com carinho e abracei meus três amigos e lhes desejei todo o sucesso do mundo.

— Admito que não estou feliz, mas consigo entender. E você merece

alcançar a felicidade, mais do que qualquer um. — Ulisses me deu um sorriso triste, porém sincero.

— Obrigada por compreender, você também merece ser feliz. Todos vocês. — Sorri para eles e corri atrás da minha luz antes que ela se apagasse.

CAPÍTULO 9

"Diga que se lembrará de mim em um belo vestido, olhando para o pôr do Sol, querido. Diga que você me verá de novo mesmo que seja apenas em seus sonhos mais selvagens."
- Wildest dreams, Taylor Swift.

Procurei por praticamente toda a região do parque pela qual o vi seguir, mas não o encontrei. Eu precisava achá-lo logo se eu não quisesse correr o risco da coragem me abandonar. Disquei seu número de celular repetidas vezes e quando o tremor e as lágrimas ameaçaram me dominar, ele atendeu.

— Alô?

— Graças a Deus! Onde você está? Eu não consigo te achar! — Eu falava rápido e ofegante, mas recebi uma pausa muito longa antes da resposta.

— No estacionamento, próximo ao Portão 9. O que você quer? — Ignorei o tom ríspido e comecei a procurar pela direção do portão.

— Não saia daí, por favor. Eu preciso falar com você! — Desliguei o telefone sem ouvir a resposta, não estava preparada para nenhuma das possibilidades.

Corri como nunca, até meus pulmões declararem greve e o busquei pelos corredores de carros. Quando finalmente o encontrei, o que me preencheu não foi alívio e sim pânico. Olívia estava ao lado de Marcos conversando com ele daquele jeito extremamente venenoso dela e passando a mão por seu peito.

— Marcos… Precisamos conversar — eu disse ofegante, entre um fôlego e outro, apoiando as mãos nos joelhos.

— Pode falar — ele respondeu simplesmente.

— Em particular — pedi e ele considerou, franzindo o cenho.

— Rá! Eu não te disse, querido. Ela não se conforma em ter um só aos pés dela, ela quer todos. — Olívia disse, se intrometendo na conversa.

— O quê?! Do que está falando? — Rebati irritada. — Aliás, essa conversa não te diz respeito.

— Ah diz sim, estou aqui demonstrando minha solidariedade. Por que

você acha que ele está aqui, para início de conversa? *Eu* contei a ele sobre a apresentação e, por mais que ele não tenha vindo por minha causa, sou eu quem o compreende e está aqui por ele agora — ela beliscou uma bochecha de Marcos e franzi a testa. — Acho que podemos formar até uma dupla: Os abandonados.

— *Abandonados?* — Questionei incrédula, desviando o olhar de um para o outro e me recusando a acreditar no que estava diante de mim. — Acho que o Marcos pode falar por si mesmo, Olívia.

— Ah querida, enquanto você passou as últimas duas semanas se divertindo com o Ulisses, quem você acha que consolou o pobre Marcos?

— O que você fez? — As lágrimas começaram a inundar meus olhos enquanto olhava para eles, parando em Marcos. — É nisso que você acredita?

— Olívia me contou que você fugiu para São Paulo por vergonha de ter estragado a apresentação deles há doze anos e que nunca superou o amor de Ulisses que perdeu. Mas agora você pode voltar para a glória do seu mundinho, já que ele te pediu em casamento. *Eu vi*. — Marcos finalmente se manifestou e senti cada uma de suas palavras como golpes no estômago, tirando-me ainda mais o ar.

Estava claro que Olívia distorceria a verdade para Marcos, no fundo eu sabia disso e ainda assim dei seu telefone a ela. Fui uma completa idiota.

O vazio que habitou em mim durante tantos anos não permitia que eu me importasse o bastante. Mas, ele tinha ido atrás de mim… Ele foi lá para me ver e falar comigo, e foi recebido por aquele pedido de casamento absurdo de Ulisses.

As lágrimas agora rolavam livremente por meu rosto, mas eu não me humilharia e nem seria novamente um peão nos joguinhos de Olívia.

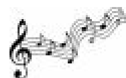
— Espero que tenha ficado até o final e que tenha ouvido eu claramente dizer que não... — Falei baixinho e Marcos ergueu uma sobrancelha e até mesmo Olívia pareceu surpresa com a minha declaração. — Mas vou repetir a pergunta: É nisso que *você* acredita? Pois o que eu acredito é que só encontrei a força necessária para tocar aquela peça porque você estava lá. Eu toquei para você, para que os meus sentimentos te alcançassem, mas pelo jeito nenhuma das notas conseguiu o feito. E pior, pelo que estou vendo, você deixou o veneno te dominar. — Indiquei Olívia com o queixo.

Eu toquei porque ele estava lá iluminando o caminho para mim e agora estava se deixando apagar. Mesmo que seu semblante nesse momento fosse o da dúvida, percebi que era inútil tentar conversar na presença de Olívia e

inspirei fundo, dando-me por vencida.

O silêncio era doloroso demais para uma pessoa que vivia de sons.

— Não faz muito tempo que você disse que queria ser mais do que uma foda. Eu não estava pronta para isso, mas quero estar. Não quero mais ser refém do meu passado e se algum dia você quiser novamente estar em meu presente e futuro, saberá onde me encontrar. — Olhei para Marcos uma última vez ao proferir meus sentimentos com toda a sinceridade que me cabia.



Voltei até o meu carro desolada e encontrei Valéria me esperando. Vendo meu estado, ela me abraçou e permitiu que eu chorasse em seus braços.

— No fim, a Olívia venceu de novo — revelei, com o corpo tremendo entre os soluços e as lágrimas.

— Ah amiga! Não fique assim — ela tentou me consolar. — Nós sabemos do que a Olívia é capaz, mas a forma como você vai lidar com isso depende só de você.

— O que você espera que eu faça, Val? Quer que eu o obrigue a me ouvir?

— Você nunca pode decidir pelos outros, mas pode escolher entre superar isso e seguir em frente; Ou passar os próximos anos sofrendo e se destruindo novamente. — Ela me encarou com sabedoria e eu entendi o que tentava dizer.

CAPÍTULO 10

"Eu sinto o amor e sinto-o queimar ao longo deste rio, em cada curva.
Esperança é a nossa palavra (...) e ultimamente eu tenho perdido o sono sonhando com as coisas que poderíamos ser."
- Counting stars, One Republic.

Na semana seguinte, Érico e Valéria decidiram que era hora de voltar para casa. Combinamos que, esporadicamente, eu participaria das apresentações desde que não impactasse em meu trabalho na consultoria e que também os visitaria em nossa cidade natal, embora eu não estivesse tão ansiosa por essa segunda parte.

Ter minha amiga de volta foi um dos melhores presentes que o destino me deu. Sua coragem em dizer a verdade e acabar com o mal-entendido que passou anos nos condenando foi uma força a mais em minha batalha interna. Ambas precisamos deste tempo afastadas para amadurecer e, desta vez, Valéria não me virou as costas. Ela esteve comigo todos os dias em que precisei desabafar e chorar, e também para me fazer rir e me motivar. Compramos um teclado para mim, tiramos fotos, jantamos e colocamos o assunto em dia. E também tocamos juntas como nos velhos tempos e me impressionei com sua incrível habilidade de canto. Aos poucos eu e minha casa éramos preenchidas com a melodia da alma, com o som da restauração.

No dia anterior à sua partida, ela inventou que deveríamos fazer um dueto para os rapazes como uma festa de despedida e uma promessa de reencontro. Acompanhei seu canto com meus instrumentos e nos divertimos como se ainda fossemos adolescentes sonhando em voar alto.

E por falar em voar alto, aqui estávamos nos despedindo e pela primeira vez da maneira correta. Com a amizade vívida e os anos que se passaram se tornando apenas uma mancha triste em nossas memórias.

— Vê se volta para casa com o contrato assinado, Ulisses! E Liz, me desculpe por tudo, vamos fazer diferente desta vez. — Érico se despediu de nós com um sorriso melancólico.

— Já estamos fazendo, meu amigo — eu o apertei e puxei Valéria e Ulisses para o abraço conjunto. — Não adianta mais olharmos para o

passado, vamos viver nossos dias mirando o futuro.

— Amiga, nunca se esqueça de que seu futuro está inteiramente em suas mãos! — Valéria se despediu com uma piscadela maliciosa.

Eles entraram no setor de embarque e um novo tipo de solidão me invadiu enquanto caminhava para fora do aeroporto com Ulisses a poucos passos atrás de mim. Não era mais o vazio envolvendo minha alma e sim a saudade. Uma saudade doce e alegre, pois sabia que os veria novamente.

— Liz, espere. — Ulisses chamou e havia certo receio em seu tom de voz. — Tem alguém querendo falar com você.

— Quem? — Estranhei o tom e virei-me para olhar.

Meu coração disparou alucinado, o mundo parecia ruir abaixo dos meus pés. Surpresa, angústia, alegria e mágoa tomaram conta de mim. Marcos estava ao lado de Ulisses vestindo seu uniforme de trabalho e pela mala em sua mão, supus que partiria em breve ou estava chegando agora de algum lugar.

— Tudo bem Eliza? — Ele se aproximou alguns passos. — Nós podemos conversar?

— Onde está a Olívia? Ela vai participar da conversa de novo? — Perguntei rispidamente, sem me importar em esconder a amargura que sentia.

Ulisses e Marcos tiveram uma estranha troca de olhares que poderia significar muito mais do que eu conseguiria imaginar neste momento. Mas para minha surpresa, Ulisses disse após um longo suspiro:

— Vou deixar vocês conversarem. Posso passar na sua casa amanhã para pegar meu violão? — Assenti e ele partiu com uma piscadela para nós dois.

Marcos me acompanhou até o meu carro, parado na rua de trás do aeroporto. Recostei-me no capô e cruzei os braços, a expressão em seu rosto indicava que aquela não seria uma conversa fácil.

— Eu nunca tive nada com a Olívia — ele pareceu escolher com cuidado a frase para romper o silêncio e ergui uma sobrancelha.

— E eu nunca tive nada a ver com as pessoas que você se envolve ou não. Aliás, com quantas comissárias você já não deve ter se envolvido até hoje, não é mesmo? É muito comum até onde eu sei, pelo tempo que passam juntos. Por exemplo, quem é a Marcela que tanto te ligava enquanto estava comigo? — Eu admitia pela primeira vez em voz alta meu ciúme e ele se surpreendeu ao ouvir o nome.

— Eu já fui casado com uma comissária — revelou e eu esperei, praticamente sem respirar. — Nos divorciamos há três anos porque ela estava

tendo um caso com o piloto de sua escala, pelos mesmos argumentos que você acabou de usar. Desde então, eu decidi que não me envolveria com mais ninguém do ramo. E a Marcela é a melhor amiga dela, ela me liga periodicamente para me convencer a reatar o casamento, para garantir foi um erro que não se repetirá.

— O mesmo tempo em que mora no apartamento deixado pela sua avó… — Constatei e ele assentiu. — Eu nem sabia que você foi casado... E o que pensa de todas as ofertas a respeito?

— Que são mentiras. Provavelmente a vida dela se tornou difícil sem ter quem extorquir e por isso ela está tão desesperada. — Assenti, compreendendo até mesmo quando ele continuou: — Não é só você que guarda segredos do passado.

— E por que decidiu me contar que não teve nada com a Olívia?

— Porque parecia errado deixá-la sofrer por mais uma mentira e eu também tive certo… incentivo.

— Incentivo? — Confusão preencheu meu semblante.

— Seus amigos estiveram em minha casa há alguns dias e nós até mesmo brigamos — confessou em uma risada abafada. — Eles não me contaram muito do que aconteceu entre vocês no passado, alegando que era seu direito contar a sua própria história. Mas me disseram o bastante sobre a personalidade de Olívia e que mesmo que não tivesse encostado um único dedo nela, ela estava me usando para te fazer ainda mais mal.

— Eu não acredito que eles foram falar com você… — Apoiei uma das mãos na testa, perplexa.

— Ulisses também me disse que você rejeitou o pedido de casamento e, durante a conversa e até mesmo depois, me senti um tolo por não ter te dado espaço aquele dia no parque. Eu estava cego de ciúmes, porque era a primeira vez que eu a vi brilhando em todo esse tempo que nos conhecemos e achei que... — Ele se aproximou mais e apoiou gentilmente uma das mãos em meu rosto.

— Achou que não era por sua causa, mesmo que eu tivesse lhe dito — completei a frase por ele, que ruborizou pela vergonha em admitir isso.

— Estou aqui agora para consertar este erro. Claro, se você ainda quiser me dizer algo.

“Nunca se esqueça de que seu futuro está inteiramente em suas mãos.”.

As palavras ecoaram em minha mente como um lembrete e compreendi toda a armação que fizeram para que este momento acontecesse. Agradeci silenciosamente aos céus e ao destino por me devolverem amigos tão maravilhosos, porque eu já sabia o que eu queria fazer.

— Acho melhor você entrar no carro comigo, então. A história é longa e eu tenho muito mais a mostrar — apertei o botão da chave do carro para destravar as portas e indiquei a ele o banco do passageiro.

No caminho eu contei a ele a história de Eliza, a minha história. Ela não começava com “era uma vez”, nem tinha príncipes e princesas, era cheia de dor, arrependimento e tristeza, mas eu esperava que ela terminasse com “e foram felizes para sempre” ...

— Se hoje eu posso tocar novamente e preencher minha vida com a música e esperança, foi porque você apareceu iluminando e colorindo não só meu apartamento, como também os meus dias. Fazendo uma verdadeira obra de arte ao me dar a luz necessária para reconstruir minha alma despedaçada. E você pode ter o papel que quiser na construção do meu futuro — finalizei sorrindo e abrindo a porta do meu apartamento agora decorado e repleto de vida, para que ele pudesse entrar e ver pela primeira vez a pessoa que sou.

— Tenho muitos planos para isso — ele sorriu e me beijou intensamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que chegaram até aqui e deram uma chance não só para a Eliza, mas para mim também. Vocês são simplesmente incríveis e já são parte da minha realização! Essa não é a primeira história que escrevo, mas é a primeira que público. Espero sinceramente que tenham gostado e que acompanhem as novas que vem pela frente!

Sempre existirão dificuldades pelo caminho, mas acredito que o importante é perseverar e superar cada obstáculo imposto para realizar nossos sonhos. Que todos os “nãos” que recebemos na vida, nos fortaleçam e ensinem a tentar novos caminhos.

Quero agradecer também ao meu grande amigo Roberto Rodrigues por ter sido o primeiro a acreditar e me incentivar a escrever, por palpitar em tudo e até mesmo ler coisas que não fazem seu estilo para me ajudar; às minhas queridas amigas: Carla Lopes por ter sido a primeira a conhecer minhas histórias e me ajudar constantemente com elas, comprando até mesmo as minhas ideias mais malucas e suportando minhas mensagens de madrugada e, Rubia Lima, por apoiar meus sonhos e projetos e sempre estar ali para me ajudar, além de ser a melhor fotógrafa que eu conheço; às minhas amigas Adriana Rocha, Amanda Couto, Analine Amorim, Angela Teano, Janaina Ferreira, Leiliane Rocha, Luciana Gross e Thais Alves por betarem o conto e por todas as infinitas dicas e sugestões maravilhosas que deram para enriquecer a trama; à minha amiga Camila Melo, que aceitou ser revisora dessa e de futuras histórias, pelo carinho especial que teve ao revisar a história sem nem saber do que se tratava e pelas boas divagações sobre os detalhes; ao Samuel Santos por todo o trabalho de arte e por ter me atendido aos "45 do segundo tempo" e me ajudado com a finalização do arquivo; a todos que participaram da votação relâmpago para escolha da capa; e, claro, não posso deixar de agradecer a todos que me incentivaram de alguma forma. Sou muito grata e feliz por ser rodeada de pessoas boas.

SOBRE a AUTORA



Pós-graduada em *Business Intelligence* pela Faculdade de Informática e Administração Paulista (FIAP), a paulistana Maya Brito divide seu tempo de trabalho com a administração de um blog de resenhas e seu amor pela literatura.

Nascida em 1994, é apaixonada desde pequena por fantasia e cultura *geek*. É uma sonhadora que adora ler e contar histórias, e se encontrou no

mundo literário acreditando piamente que finais felizes são possíveis.